

XI CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ALCOOLOGIA

ALCOOLOGIA EM TEMPO DE MUDANÇA

O Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa foi palco da realização do XI Congresso da Sociedade Portuguesa de Alcoologia (SPA), evento que coincidiu com a realização, em simultâneo das XXX Jornadas de Alcoologia da SPA e com as 5.ªs Jornadas dos Comportamentos Aditivos do CHPL. O encontro decorreu entre os dias 26 e 27 de outubro, num momento particularmente alarmante para o país em matéria de problemas ligados ao álcool, estimando-se, de acordo com a presidente da SPA, Joana Teixeira, que meio milhão de portugueses tenham perturbações do uso de álcool, sendo que menos de 10% estão em tratamento. A especialista alerta para a necessidade da realização de rastreios e da implementação de medidas e ações que visem a redução do consumo.

Dependências esteve presente no evento e entrevistou a recentemente eleita presidente da SPA.



JOANA TEIXEIRA

O tema deste encontro é Alcoologia em Tempo de Mudança... estamos perante uma mudança orgânica na cúpula dos comportamentos aditivos e dependências, mas também por via da evolução dos tempos, das crises e dos padrões de consumos, que também afetará a alcoologia... é isso que se trata?

Joana Teixeira (JT) – É isso mesmo. Estamos num momento de dupla mudança, não só de reestruturação dos serviços e da organização ao nível da saúde que dá resposta a este tipo de patologia, mas, por outro lado, a própria sociedade tem estado, nos últimos anos, em constante crise, desde a crise económica de 2011, passando pelo Covid e agora esta nova crise económica, que também muito contribui

para o agravamento dos quadros de patologia aditiva em geral e do álcool em particular.

O que espera em termos orgânicos, sabendo-se que o SICAD dará origem ao ICAD, que, segundo consta, incluirá unidades de intervenção local, entre as quais unidades de alcoologia?

JT – Isso é exatamente o que todos aguardamos, as notícias da concretização, na prática, das novas estruturas ou da reorganização e funcionamento das estruturas. O ICAD já foi criado, mas a orgânica do próprio instituto ainda não está completamente definida e, portanto, ainda não há sequer uma resposta que seja conhecida sobre como irão ser organizadas as unidades e os serviços.

Pelo que se vai percebendo, para os profissionais que intervêm nesta área a situação atual não é benéfica...

JT – A situação atual é muito preocupante porque os dados mostram que tem havido uma estagnação na prestação de cuidados, ao mesmo tempo que se observa um aumento na taxa de dependência de álcool. O último inquérito à população geral promovido pelo SICAD, com dados de 2022, mostrou que a prevalência da dependência de álcool é de 4,2%, quando em 2012 era de 3%... Portanto, estamos perante um aumento de quase 50% só na dependência, esquecendo todas as outras perturbações do uso de álcool. Isto tem que ter uma resposta a nível de tratamento.

O que se poderá fazer para procurar inverter este ciclo?

JT – Haverá muitas estratégias e existem muitas informações na literatura sobre a organização de serviços e sobre como dar resposta. É verdade que se trata de um assunto difícil, que implica uma vontade conjunta de várias áreas, não só da saúde, mas igualmente das campanhas rodoviárias e de informação e prevenção na sociedade, mas passa muito por haver a vontade de melhorar e de começar a desenvolver estratégias para melhorar estes dados. Não é que não existam campanhas e medidas, que têm sido postas em marchas, mas não estão a ser suficientes porque, se fossem, os valores não seriam certamente estes.

De acordo com os últimos indicadores, sobressaem duas preocupações: o aumento dos consumos nocivos entre o género feminino e os jovens...



JT – Sim, esses dois dados são realmente preocupantes e têm sido uma tendência nos últimos anos. Nos jovens é particularmente preocupante, pois o sistema nervoso ainda não está completamente formado, o que, além de prejudicar a saúde, limita a capacidade de desenvolvimento no futuro. Além disso, não só é mais frequente beberem como o fazerem cada vez mais cedo. Esta dupla combinação nos jovens é problemática. Quanto às mulheres, a situação é igualmente complicada, até porque no sexo feminino costuma haver uma maior culpabilidade e uma maior dificuldade em procurar tratamento nas unidades. Temos que estar mais sensibilizados e fazer uma procura mais ativa deste tipo de consumos.

O que espera que resulte deste encontro?

JT – Espero que sejam dois dias de discussão muito interessantes e que possamos trocar experiências a vários níveis e em várias áreas, não só a da psiquiatria, mas também da psicologia, do serviço social, da enfermagem... acredito que haja aqui um encontro de vários profissionais, multidisciplinar, que seja benéfico para todos.

Como tem sido até ao momento este exercício enquanto líder da SPA?

JT – Tem sido um desafio. Depois de um trabalho inicial de organização, já temos conseguido fazer campanhas e cursos de formação. O congresso também tem permitido melhorar o nível científico dos encontros e temos feito um trabalho de manutenção e continuidade ao que a anterior direção já tinha colocado em marcha. E vamos tentar desenvolver mais ainda, sensibilizando não só a sociedade, mas também os profissionais, aumentando a formação disponível nesta área.



Integrando dois painéis, “Estruturas de tratamento das perturbações do uso do álcool: onde estamos?” e “Prós e contras: onde integrar a alcoologia?”, Manuel Cardoso referiu o aumento dos padrões de consumo de álcool em Portugal, salientando o caso das mulheres e destacou o indicador das mortes no que respeita às consequências do consumo, que tendo descido até 2025 voltou a aumentar desde 2016.

Considerando que as questões levantadas pelos problemas ligados ao álcool não se resumem à intervenção terapêutica, sendo indispensável ter uma intervenção preventiva e, eventualmente, de redução de riscos e minimização de danos, defendeu a partilha de recursos e de respostas articulada entre as unidades de proximidade da saúde mental e os centros de respostas integradas na área dos CAD.

A necessidade de regras mais claras quanto à acessibilidade às bebidas alcoólicas, quer seja pela sua disponibilidade, como pela existência de uma política de preços foi salientada pelo subdiretor-geral do SICAD, que defendeu que os problemas relacionados com o uso e abuso do álcool devem ser integrados nos cuidados de saúde primários.

O Plano Nacional 2021-2030 e os seus três pilares: empoderar, cuidar e proteger, sempre com a centralidade no cidadão, e o peso dos produtos que condiciona as decisões da comissão europeia sobre o álcool, foram também abordados.

